



## AS MEMÓRIAS A HISTÓRIA INTERESSA<sup>1</sup>

Edmilson Borges da Silva\*

### INTRODUÇÃO

A memória é memória social quando rememora, quando busca nos seus mais recônditos porões experiências que vem em socorro no presente, incomodar o que estava aparentemente assentado. Quando em socorro é porque o presente propicia sentido ao que passou e por hora retoma sua atualidade nas ações do sujeito, indivíduo ou grupo, que segue a vida nas tramas do tempo real solicitando ajuda de um tempo passado, o recolocando em evidência. As reminiscências que vertem lágrimas ou incomodam no silêncio, são experiências traumáticas ou ainda não resolvidas que movem ações ou que impedem as mesmas. O movimento ou a inatividade provocada são faces de uma memória social penosa aos seus signatários, daí a dor que in-mobiliza é também um produto das vivências recheadas de relações humanas e permeadas por suas instituições onde humanamente se trava a realização do viver.

Esquecer pode ser uma seleção temporária que dure por uma vida. A face mais triste do silêncio é sua imposição deliberada, não lembrar ou se lembrar, o risco ou o custo pode ser caro demais e o silêncio da “obsolescência planejada” faz a memória social parecer tão anacrônica que lembrar é pagar o preço da vergonha, do ridículo, do desnecessário, já que o tempo passou e o cabedal à disposição são reminiscências que se recuperadas não farão sentido, sobretudo no jogo geracional. Portanto, o arremate é: a memória social composta de experiências que formularam e formulam o conteúdo da vida, vem carregada de dor, traumas, alegrias, angústias, sofrimentos, etc. que por sua

---

<sup>1</sup> Texto escrito originalmente na disciplina Memória e Temporalidades, ofertada no Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Goiás, ministrada pelos Professores: Dr<sup>o</sup> Marlon Jeison Saloman e Dr<sup>o</sup> Noé Freire Sandes. Reformulado foi apresentado ao “I Colóquio internacional sobre *Bullying*”, realizado no mês de outubro de 2015 em Goiânia na Pontifícia Universitária Católica.

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás.



vez, ao sair do empório-memória, provocado por lembrança, imagens, lembranças recolocam a experiência passada com sentido pautado no presente para socorrer ou incomodar o seguimento da vida social.

Diante do pressuposto os lugares de memória (NORA, 1993), a memória subterrânea (POLLAK, 1989), o encontro e o desencontro entre memória e história, (ASSMANN, 2011), o esquecimento e as reminiscências (POLLAK, 1989), enquanto conceitos ou categorias virão em socorro do presente texto para colocar a memória social em processos explicativos e de compreensão para enfim, dar conta das intensas e contraditórias relações humanas que fazem o fluxo da vida e que ficam marcadas na memória do passado que é presente quando conscientemente retornam na evocação do sujeito particular ou coletivo que vive o seu tempo.

## **OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA**

Da gente de seu tempo, ou ainda, da última geração do tempo atual não é difícil ouvir “pérolas” como: “essa música que você ouve é música de velho”, o espaço comporta pessoas com tempos diferentes, o tempo da memória é o tempo carregado da experiência inscrita no corpo e na herança paulatinamente assumida. Este tempo que move o passado nas vidas do presente cujo farol é o futuro, é um tempo corporificado de pressa, daí, a velocidade que “arrocha” as mudanças, faz iguais diferentes e diferentes semelhantes, mas, o objetivo final é tornar todos iguais seja por persuasão ou por coerção. O espaço que dorme no berço fulgurante do tempo se torna estranho aos que vem depois; a paralisia onde apenas o ressoar do vento parece mover termina por parecer o museu dos que ainda vivem “esperando a morte chegar”, é só olhando de perto, fustigando a intensidade da vida condensada nestes lugares é que os fantasmas de tantas vidas, que ainda vivem nos viventes do lugar, vão incomodar.

Nora, no projeto de investigar os lugares de memória, viu a ação do tempo tentar corroer suas noções, viu o tempo passar e o projeto se ampliar para uma revisão histórica da herança cultural francesa, “A trajetória da



recepção da noção de “lugares de memória” tornou-a atravessada por apropriações diversas, críticas e controvérsias (GONÇALVES, 2012, p. 29).”

Nora como um cicerone de um circuito ainda não concluído teve que explicar o que está por vir, sua pesquisa de década, “A recepção da obra, ao longo de sua lenta elaboração (cerca de uma década), teria também colaborado para desestabilizar os significados iniciais desses “lugares”? (GONÇALVES, 2012, p. 29).” Em que pese às críticas, observações, colaborações teóricas a noção de lugar de memória continua ser uma possibilidade aplicável ao entendimento de lugares que pulsam a vida por meio da herança, do zipamento do vivido com o tempo em vida, dos desencontros da memória com o tempo historicizado. Ao distinguir memória e história, Nora concebe que memória foi alojada em lugares quando a história prevaleceu como recurso investigativo e explicativo do passado,

Ora, não são unicamente os objetos mais sagrados de nossa tradição nacional que se propõe uma história da história; interrogando-se sobre seus meios materiais e conceituais, sobre os procedimentos de sua própria produção e as etapas sociais de sua difusão, sobre sua própria constituição em tradição, toda a história entrou em sua idade historiográfica, consumindo sua desidentificação com a memória. Uma memória que se tomou, ela mesma, objeto de uma história possível (NORA, 1993, p. 10).

Então a história é tributária do arquivo, a comprovação documental, habilita desabilitando o testemunho, a racionalidade histórica convoca a imparcialidade pericial daquilo que não treme ao testemunhar, o documento. A memória tem intensidade vivida, carrega em si a dor e a felicidade, a memória pulsa no real interpretado, se qualifica no que foi ouvido e no que foi vivido, tem herança, tem compartilhamento, a memória pode ser oficial, mas caminha no mundo oficioso, sendo assim, a “memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra (NORA, 1993, p. 9).” Seria assertivo denotar que Nora vê a história como hegemônica e a memória com hegemonias pontuais, olhando retrospectivamente o caminho da humanidade, o rastro investigativo que a história vai des-cobrir termina por ser o lastro de quem teve tempo para documentar seus feitos, e não o rastro que o tempo escondeu em suas profundezas obtusas dos fugidios.

Na trama social existem disposições em contrário, entre os que produzem a comida e os que organizam seus banquetes, contudo, a memória



oficial, embora deseje, não desabilita a memória marginal, então, nos maltrapilhos desnutridos, nos espaços abandonados e ou coloridos com a estampa da fome, marcado pela exaustão do “soli no lombo” é possível encontrar no des-semelhante a humanidade negada, porém, resistida, birrenta e insistente a viver e se houve vida houve memória que possa ser apreendida pela história, e quando não, a memória tem ecos solos capazes de dizer, haja visto que,

Oporemos, por exemplo, os lugares dominantes aos lugares dominados. Os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, [...] Mais nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória (NORA, 2011, p. 26).

Os lugares de memória em sua tríplice potencialidade, material, funcional e simbólica (NORA, 2011), guarda similitude com o conceito de inconsciente coletivo (FREUD, 1979), similitude com o conceito de consciência coletiva (HALBWACHS, 2004), pois depende do não material personificado nas tramas humanas, depende do que foi grafada na alma da vida em grupo, a síntese silenciada, esquecida e vivida compõem esse baú disponível da memória. Os lugares de memória existem e podem ser convocados para entender e justificar os rumos, as tensões, as contradições e os potenciais de grupos em ação e de grupos em oposição, pois estes são,

Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. [...]. Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 2011, p. 22).

Para entendermos os lugares de memória em que, “O tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída (NORA, 1993, p. 12).” Será preciso aventar a validade do testemunho da vítima, e quem é vítima? Nas contradições do testemunho e no seu uso intencional para mascarar os eventos, existe a possibilidade de



encontrar a oposição entre perseguido e perseguidor, opressor e oprimido, vítima e algoz, numa oposição de classes personificadas em Estados que mascaram a divisão social é possível encontrar a vítima.

## **A MEMÓRIA SUBTERRÂNEA**

Admitir essa possibilidade: existe uma memória subterrânea (POLLAK, 1989), passa ser doravante a busca para entender e colocar Pollak em colaboração com Nora na compreensão e análise do que é memória e os seus abusados usos. Explicando a tradição Durkheimiana, Pollak, encontra Halbwachs para averiguar a materialidade da memória na função social, na composição e continuidade do grupo,

Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva” (POLLAK, 1989, p. 3).

No entanto, a memória coletiva que responde o grupo, pode legitimar uma memória unificadora nacional que na verdade oprime coercitivamente as várias possibilidades de memórias coletivas, o conflito passa a ter lugar numa perspectiva construtivista e,

Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1989, p. 4).

A coesão social galgada a todo custo pelo Estado para esconder ou minimizar tensões vividas nas diferenças da sociedade nunca é total, os “crimes” de natureza social, plugam na memória, melhor, se inscreve na memória que vai de uma geração a outra e pode ser compartilhada entre grupos distantes, mas semelhantes na experiência marcada na memória, assim, o vulcão adormecido ainda é cheio de larvas incandescentes e pode explodir, “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao



esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais (POLLAK, 1989, p. 5).”

O discurso de um grupo pode ser desqualificado e convocado a dar provas de sua verdade publicada, no entanto, quem os convoca, o faz a partir de valores e lugar nomeadamente conhecido dentro de uma sociedade em disputa, assim, a convocação por excelência não o desabilita e nem mesmo o coloca em descrédito a ponto de estes desacreditarem de suas intencionalidades.

Essa memória revigorada que encontrou coragem de se manifestar fez um longo caminho para sair da humilhação, justificação e se recompor como protagonista, no entanto, sua fragilidade por comportar contradições internas e assimilar o discurso do opressor a faz passar por longos tempos de depuração, beirando ao desaparecimento, quando não, existe conjunturas que podem propiciar as condições de sua elaboração e reelaboração, mesmo distante do sofrimento ele continua a existir,

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio (POLLAK, 1989, p. 6).

A adaptação, a vida levada nas aparentes correntes que movem a jusante, não significa esquecimento, pode ser um silêncio vivido na socialização, “Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante”(POLLAK, 1989, p. 8).”

Na estratégia de manter a pulsação vital, encontra o tortuoso caminho em que o silêncio não é uma opção, é garantia de poder continuar respirando. Quando sufocado, o estrangulamento em vias, a morte se anuncia, o grito avassalador reivindica o negado, o direito à fala, a vontade de continuar respirando, assim manifestam o rebento do subterrâneo,

Ainda que quase sempre acreditem que “o tempo trabalha a seu favor” e que “o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo”, os dominantes frequentemente são levados a reconhecer, demasiado tarde e com pesar, que o intervalo pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência (POLLAK, 1989, p. 8).



A memória está em disputa num quadro social que busca sua manutenção e para isso, há uma gestão da memória para enquadramento da mesma (POLLAK, 1989). Os recursos técnicos, científicos podem estar ao dispor desse trabalho que almeja a coesão resguardando a exploração, é claro que não daria esse nome, e chamaria isso de diferenças,

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. [...] O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo (POLLAK, 1989, p. 10).

Se nem uma cultura está garantida a perenidade, faz-se necessário admitir que haja possibilidades subterrâneas em conflito com o trabalho de gestão na manutenção do quadro social e que os lugares de memórias podem ser em seu tripé material, funcional e simbólico, colaborativo para forjar em silêncio os vasos comunicantes entre o oficial e o subterrâneo, haja vista que,

Uma entrevista feita com uma deportada residente em Berlim mostrou que um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação. [...] Esse exemplo sugere que mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida (POLLAK, 1989, p. 13).

## **A RELAÇÃO DA MEMÓRIA E A HISTÓRIA**

A argumentação anterior reconhece o protagonismo da memória diante de sua delegação acessória à história, na sequência, segue a tentativa de reconhecer o papel da história em relação com a memória, é o que faz Assmann (2011). Numa discussão sobre memória e história, a literatura de Graciliano Ramos é o suporte para a análise de um período da história brasileira – a primeira república – e esta em relação com a memória gera a seguinte afirmação, “A historiografia por sua vez vai afastar-se dos relatos dos contemporâneos, insistindo na parcialidade de suas explicações” (SANDES, 2011, p. 202). Sendo a memória a pulsação que valoriza o testemunho, requer



a pulsação do tempo passado que vive na invocação do vivente no tempo presente, Sandes conclui: “Se não há solução de continuidade entre memória e história, resta, portanto, a negociação entre memória, história e literatura na produção de um esquema conceitual capaz de conferir sentido ao passado como cultura histórica” (2011, p. 203).

Na conclusão de Sandes 2011, a negociação é a tônica que vai produzir esquemas conceituais para dar sentido; Assmann (2011), entrando na celeuma memória e história, aprofunda essa possibilidade conceitual propondo a relação colaborativa entre ambas de maneira a não opor e nem descartar as duas condições de produzir sentido ao passado, ao presente e ao presente que se justifica na rememoração. A autora que nos ajudará neste empreendimento relacional, reconhece que, “a fixação de história e memória como dois modos da recordação, que não precisam excluir-se nem recalcar-se mutuamente” (ASSMANN, 2011, p. 147). Assmann faz uma distinção possível entre os dois campos de recordação, a memória tem diferentes planos, um destes é o que o indivíduo lembra, sabe e é o conhecimento particular sobre si, sua autodeterminação,

Indica o quanto uma pessoa individual sabe de si mesma, qual sua autoestima e como lida com suas próprias experiências. Dessa configuração da memória para o indivíduo depende o quadro de oportunidades futuras à disposição do indivíduo e quais delas estão excluídas de seu horizonte (2011, p.147).

Essa memória consciente, precisa ser ordenada, tratada, cuidada e, no plano terapêutico essa ajuda pode colaborar na configuração e reconfiguração de lembranças que movem ou paralisa. Neste campo o indivíduo circula e navega em sua vivência humana, sua saúde mental e suas orientações para a ação dependem da estabilidade provocada e adquirida na memória, “A história de vida “habitada” pelo indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir” (ASSMANN, 2011, p. 147). Um segundo plano é o acúmulo que circunda o indivíduo, mas não obedece ao seu controle, é o material provocativo sem avisos escondidos na profundidade de uma vida, estes elementos são,



Em parte inertes, improdutivo; em parte latentes, fora do alcance da atenção; em parte sobredeterminados e, portanto, inacessíveis a uma tentativa ordenada de recuperação; em parte dolorosos ou escandalosos e por isso enterrados bem fundo (ASSMANN, 2011, p. 147).

A memória funcional – a memória – para a autora em questão “é seletiva e atualiza apenas um fragmento do conteúdo possível da recordação (ASSMANN, 2011, p. 148)”; Já a memória cumulativa – a história – configura, “A memória cumulativa, em face disso, é a “massa amorfa”, aquele pátio de lembranças inutilizadas, não amalgamadas, que circunda a memória funcional” (ASSMANN, 2011, p. 149).

Essa relação entre os elementos tratados da consciência, presentificados no agir e os elementos dessa massa amorfa acumulada na “dobra do tempo”, portanto, entre memória funcional e memória cumulativa, vista na linguagem cênica, torna a memória e a história colaborativa no movimento de renovação e mudança possibilitando a não estagnação, nas palavras de Assmann,

Nessa relação referencial entre prosa e pano de fundo está contida a possibilidade de que a memória consciente possa transformar-se, de que se possam dissolver e compor as configurações, de que elementos atuais se tornem desimportantes, elementos latentes venham à tona e estabeleçam novas relações (ASSMANN, 2011, p. 149).

Esse modelo reconhece a pulsação da memória, o passado numa tradição oral está presentificado, o passado reeditado no cotidiano é recondução viva de uma memória coletiva que simplesmente existe, provoca identificação, filiação, sentido de pertencimento, assim, o recurso irônico de repetição, “não sei, só sei que foi assim”, consagrado no personagem de Ariano Suassuna – Chicó – pode nos dar uma dimensão dessa memória longa, mas nem tanto. Por sua vez, reconhece o mesmo modelo, que a memória cumulativa não fundamenta identidade alguma, acumula indiferentemente e indefinidamente diversos relatos, documentos, lembranças do litígio humano ou de seus encontros fortuitos e ou duradouros, que independem da marcação cardíaca de um indivíduo ou grupo.

Mas, no arremate, esse modelo que reconhece a qualidade singular da memória funcional, “Os elementos desprovidos de estrutura, desconexos, passam a integrar a memória funcional como se houvessem sido compostos,



construídos, vinculados. Esse ato construtivo gera sentido” (ASSMANN, 2011, p. 150). Reconhece e trás para dentro da junção a história formando o par não binário, mas perspectivístico, para usar a palavra de Assmann, memória e história, pois, na memória cumulativa encontram-se as possibilidades em potenciais de rever, refazer, analisar e corrigir caminhos, então esse colossal paiol da história em crescimento contínuo pode,

Em um plano coletivo a memória cumulativa contem o que se tornou inutilizável, obsoleto e estranho: o saber objetivo neutro e abstrato-identitário, mas também o repertório de possibilidades perdidas, opções alternativas e chances desperdiçadas (ASSMANN, 2011, p. 150).

## **GRANDE SERTÃO VEREDAS**

Nas comunidades do “Grande Sertão Veredas”, lugar de sertanejos, remanescentes de quilombos, agricultores do próprio sustento, inventores da vida que levam, vive uma gente testemunha da história porque a viveu e construiu, vive essa gente que significa seu cotidiano dando sentido ao tempo e espaço e por tal, vive a secularidade no sagrado que professa o quanto o profano faz parte do templo da vida.

Quando Nora opõem lugares dominantes a lugares dominados de memória é possível olhar para a obra do escritor Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas – e ver nesta, uma síntese dos que marcharam por conta usando representações universais da religião, da ética e da moral, “E foi a partir da fusão de elementos da oralidade no discurso escrito e do recurso àquelas memórias recolhidas, que o autor criaria sua genial e inovadora obra literária, que pode ser interpretada como um ‘lugar de memória do sertão’” (SALES, 2012, p. 7). No entanto, se a obra literária é um lugar de memória, o solo, as narrativas e as vidas que são fontes inspiradoras da obra, são vidas reais que vivem a dor e alegria no tempo difícil do “sertão”, portanto, um lugar de memórias dominadas. Assim, os povos do sertão, hoje Grande Sertão Veredas, indiferentes aos que nomeiam, deram inúmeras respostas às intempéries do tempo, às condições do espaço e constituiu um tipo de vida



avesso à ausência do Estado ou a sua criminosa presença. Nas comunidades em que a fé é cultivada - independente de seus agentes oficiais -, se é artista para celebrar o prazer, o compromisso é com a dura vida vivida todos os dias e largada na “manga” no ciclo natalino. No “sertão” de vidas que dançam, cantam, temem as “almas pantarosas” e choram, o viver tem fome, dores, perdas provocadas por presas inoculadoras e por canos cuspidores de fogo, quando não, pela tocaia que espera o vivente envolvido em conflitos de terras.

As comunidades que rezam aos santos em suas diversas folias, que lavram a terra à moda antiga, tem uma memória vivida com intensidade, guarda silêncio, omissões, desejo de gritar que vão submergir, pois viver nos subterrâneos é guardar muito a ser cobrado ou gritar muito no desejo de ver alguma dignidade negada ser negociada ou justificada.

Em tempos “estranhos”, a memória funcional pode ser reconhecida no vigor da memória cumulativa, sendo o inverso verdadeiro, com isso, a memória pode se fortalecer nos rastros da história, mesmo sendo essa a história dos vencedores, que só pode ser narrada contando o triunfo sobre os vencidos, e a história não deve prescindir da vida presentificada na pulsação da memória. Enfim, a memória dos pobres, portanto, neste caso, uma memória de classe – os camponeses – tem fontes de realização do ser social e nelas a opressão se revela, ainda que doses cavalares de conformismo sejam serrações que não esmagam as resistências que almejam sonhos e revelam as injustiças.

## **CONCLUSÃO**

A memória tem lugares, contradições, tensões, lastros, rastros, vestígios, tem documentos, mas, se essa memória está no depósito de provisões, ela é a história escrita da diversidade e diferenciação cultural de inúmeros grupos e pode ajudar na correção dos erros de uma memória oficial que deseja perenidade a todo custo, colabora para a ascensão de uma memória subterrânea silenciada, mas reproduzida constante no mover das camadas que ainda não entraram em erupção. No interstício das camadas que



compõem o conteúdo do humanamente vivido encontra o esquecido, o velado, o que não pode vir à luz, é neste emaranhado que a tese de colaboração entre memória e história se firma, diz Assmann:

Pois uma memória cumulativa desvinculada da memória funcional decaí à condição de fantasmagoria, e uma memória funcional desvinculada da memória cumulativa decaí à condição de uma massa de informações sem significado. [...] Cabe que ambas estejam juntas, ambas pertencem a uma cultura que se diferencia e autonomiza, uma cultura “que se posiciona em face da pluralidade de sua diferença interior e se abre para sua diferença exterior” (2011, p. 155).

Em lugares de memórias, sejam eles museus da história dos vencedores ou obras literárias de patente universalidade, revelam um mosaico em que os submetidos deixaram vestígios e continuam nos subterrâneos ductos, implodir revelando clarões em que a história deve testemunhar suas memórias, pois esta é signatária de tantas memórias sucumbidas no tempo.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

GONÇALVES, Janice. *Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural*. Rio Grande: Historia, 2012.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: *Os pensadores*. Abril cultural, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história: revista de estudos do programa pós-graduados em história e do departamento em história da PUC – São Paulo, 1998.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio: estudos históricos*, Rio de Janeiro, 1989.

SALES, Cristiano Lima. Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM*, nº 02 – Ano I – 10/2012.

SANDES, Noé Freire. Memória e história da primeira república. In: *Nação, civilização e história: leituras sertanejas*. MUNIZ, Diva do Couto Gontijo, SENA, Ernesto Cerveira. Goiânia: PUC, 2011.